



*O doce tenro amor da minha geração
Apoiado em estantes de livros empoeirados*

Torradas Francesas e Tomates “Green” Fritos

Um livro de Rubens Mazzochi

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

**Torradas Francesas e
Tomates “Green” Fritos**

Um livro de Rubens Mazzochi

Torradas Francesas e Tomates “Green” Fritos

EDITORA RECANTO das LETRAS

© Rubens Mazzochi

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Rebeca Lacerda
Capa e diagramação: Rebeca Lacerda
1ª edição – outubro de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mazzochi, Rubens

Torradas francesas e tomates “green” fritos [livro eletrônico] / Rubens
Mazzochi. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
6 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-7142-102-8 (e-book)

1. Poesia brasileira I. Título

21-4841

CDD B869.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

*Este é meu manifesto
E eu entreguei tudo para você
Minha única vida
E está escrito para você*

Sumário

Eu nem pensei em escrever uma poesia.....	8
Varanda em Art Nouveau	9
Jardim verde com alamanda.....	10
Além do espelho	11
Estações mudaram.....	12
Recordando domingo.....	13
A poesia mais curta.....	14
1966.....	15
Absonância.....	16
Americanizado.....	17
“Lullaby”	18
Estrelas.....	19
Oliveiras com sol escaldante	20
Mel e cerejas.....	22
Capuccinos e filmes em preto e branco.....	23
Era do amor virtual	24
Newman	25
Futuro presente	26
Montgomery Clift Cardigan.....	27
Novo poeta.....	28
Série de selos	29
Cidade costeira.....	30
Luz lunar.....	31
Dias divertidos no <i>laurent</i>	32
Jill St. John na minha mente	33
Bernt.....	34
Barroco	35
Torradas francesas.....	36
Cartão-Postal.....	37

Tomates verdes fritos	38
Permita-me sonhar	39
Como uma flor que desabrocha.....	40
Manifesto contemporâneo.....	41
Fração de segundos.....	42
Discos de vinil.....	43
Ondas do mar	44
Criança <i>noir</i>	45
Uma centena de anos.....	46
Sensação de verão	47
Peras cortadas ao meio.....	48
Tempo particular.....	49
Você e sua revolução ruim	50
Cinema <i>drive-in</i>	51
Dias modernos	52
Céus azuis para sempre.....	53
Campos de morangos	54
Nós estamos aqui.....	55
Último dia.....	56
Fotografias em preto e branco.....	57
Verão de 1973	58
Abadia no carvalho	59
Corredor	60
Pôr do sol logo esquecido	61
Jazz juntos	62
Três rosas vermelhas	63
Antes de ir.....	64
Poesia fúnebre de Kiefer	65
Em memória amorosa	66
Suspiros finais.....	67
Silhueta	68

**Eu nem pensei em
escrever uma poesia**

Jaqueta jeans
Austin-Healey
O toca-discos que a gente usava
O tempo parava
Andava na grama
Suspirava
Sol de inverno
Tangerina na mão
O dia ficava lindo

Eu te amava

Varanda em Art Nouveau

Eu e você na varanda, em Art Nouveau, coberta de flores

Bebendo chá e lendo *Interview Magazine*

Jean Shrimpton e Edie Sedgwick

Podcasts sobre assuntos diversos

Observando o mundo lá fora

Presos no nosso mundo interior

Vivendo o sonho do sonho

E eu te dirigi a palavra

“O mundo anda tão caótico”, você disse

E você sabe, sempre acabamos por concordar em tudo

Jardim verde com alamanda

Vou te tratar com delicadeza
No consolidado hotel branco, com plantas

Os comprimidos também são brancos
Engolindo-os dentro de um campo verde infinito

Revoluções em minha mente, em minha mente
Nunca muito perceptivo, com visões passadas

Você estava em meu colo
Eu me lembro
E eu senti seus batimentos cardíacos junto aos meus
No jardim verde com alamanda

Dando entrada em quartos vazios de hotéis
Entre mil quartos desses tantos hotéis
No início do verão quente

No meu eu interior

Além do espelho

A glória é recôndita
Acenda a luz da cidade, não seja pacóvio
“Você não sabe o que se passa por dentro de mim”
Eu respondi insolente
São meteoros que caem sobre nós
São resistentes, nos causam dor
Dilapidam, nos fazem chorar
Deixe os pedantes surpresos

Nesse instante, uma chuva de meteoritos caiu sobre mim
Eu caí no abismo, tudo ficou escuro
A lua brilhava, e o céu ficou cinza
Olhei para o lado, não havia ninguém
Exceto, talvez, por um duende azul celeste
Ele se escondia atrás das pedras
Me encarava, no mesmo momento estava pachorrento
Estava confuso, mas pândego
Era lindo, ele sorriu

Realmente eu estava sozinho, ou melhor
Estava sozinho comigo mesmo

Estações mudaram

Cabeças num mundo à parte
Estações mudaram
Tudo que precisamos é de uma faísca
Uma simples flor de redenção

Volte e me abrace
Volte e me assuste
Volte e não se afaste

E quando tudo cair, eu estarei por perto
Com meu imortal desafiador das mortes

Recordando domingo

O mundo segue tão rápido
Nada muito duradouro

A chuva cai tão mais forte agora
Que você não está aqui
E eu digo que isso leva tempo

Eu andei por aí
E no sol da manhã escrevi essa poesia
Tão melancólica como o fim da tarde

Vamos guardar isso enquanto podemos

A poesia mais curta

Então é assim
Não foi como você disse que seria
Você fala com palavras que pegou emprestadas
De um outro alguém

Ainda há um pouco de você em mim
Bem, como posso pedir mais?
Não quero te perder
Mas não é tão difícil crescer

Essa é a hora certa para um novo alguém?
O amor me desapontou
Palavras chegando até você
E eu observando a cidade morrer

A poesia mais curta

1966

Espero que minha diligência cubra o custo
De remover a mancha dessa dor de papel machê

Ignorando nossos outros planos felizes
No suave problema dessa desventura adversa

Absonância

Sempre andando
Ofuscada, ela não perdia o foco
Aqui nesta grama, ela gritava
Mas o som não se propagava no silêncio do infinito
Borbulhando em seus pensamentos
Soava medo, rancor, amargura e solidão
Bebia com volúpia, suas palavras saíam com ardor
Deslumbrada no desligamento
Sua descrença era o seu desânimo
Desgastada, entrando em devaneio
Seu brio dilacerado, cordial ela chorou

Sádicos diziam que ela era louca
Eu também dizia

Mas hoje eu a entendo

Americanizado

Cigarros e suéteres caros
Varanda, lavanda e flores
Brasil, Brasil!

“Lullaby”

Quatro lados, balbúrdia
Em um vejo rostos familiares
No outro, meus amigos
O lado da frente, pândego
O lado de trás, implícito
Eu no meio dessa conjuntura, indeciso, preso

Tentando abrir a tampa

Fenecido

Estrelas

A distância entre nós não pode nos separar
Então resolvemos nos conectar
A ideia era olhar para a estrela
Que mais estava a brilhar

O frio veio para congelar
A névoa chegou para atrapalhar
Talvez não dê para ver as estrelas
Mas elas, com certeza, estão a iluminar

Olhando para elas, perspicaz
Mesmo quando elas não estavam lá
Todos os dias eu parava para pensar
Em nós, e a felicidade vinha transbordar

Hoje, uma adaga atingiu-me
Eu não queria acreditar
Você não quis mais se conectar
Então voltei a chorar

E vi a estrela mais brilhante se apagar

Oliveiras com sol escaldante

Estive andando pelas ruas molhadas do pavimento
Tentando encontrar o Sol
Sombras obscuras vinham atrás de mim
E, junto, a neblina que ofuscava me deixava cego
Eu me perdi
Dobrando esquinas
Andando dezoito passos
Dobrando esquinas outra vez
A garrafa de água já estava vazia, então parei
No meio da rua comecei a dançar comigo mesmo
Pulando alto, girando, sorrindo
Mas com os olhos cheios de lágrimas

Surpreendentemente
Uma mulher veio até mim com seus sapatos na mão
Perguntou-me se eu estava perdido
Respondi que estava apenas vagando
Menti
Então ela perguntou-me o caminho de volta
Avisando-me que esse lugar já não era mais seguro
Sabia disso, mas pensei que era o único
Quando fui avisá-la que havia mentido
Ela sumiu, desapareceu
Me deixando sem esperanças
De conseguir encontrar a claridade

Sozinho
Tentei encontrar formas
Para mudar a situação que me encontrava

Pensei muito
Escrevi canções de oliveiras
E na melodia apaguei as nuvens
E mesmo chovendo
Criei atalhos

Desenhando meu próprio Sol

Mel e cerejas

Mel e cerejas são doces
Doces como algodão-doce
 Já que fostes
 Tento ficar
E a vida continua assim
 Por ora doce

O beijo que eu te dei
As palavras que falei
O doce amargo de Dean
Rum, Hortelá, grama cortada
 Doce, doce, doce

Hoje sei que sei
Mais que ontem
 Que a vida
E tudo que nela cabe
 Pode ser tão doce
Como mel e cerejas
 E algodão-doce

Capuccinos e filmes em preto e branco

Voltamos para o sofá marrom da minha casa

Beijos, abraços e juras de amor

Capuccinos e filmes em preto e branco

“Estrelas se alinharam quando encontrei você”

Natalie Wood sussurrou na televisão com um cigarro na mão

Era exatamente o que eu estava a sentir

Era do amor virtual

É meia-noite e não sei o que escrever
Talvez porque eu esteja pensando em você

Já se passou uma hora, duas, três
E tudo que eu vejo são rabiscos, enlouquecer?

Já viajei por Saturno, Marte, não quero me perder
Voando como se nada pudesse acontecer

O que é isso?
Eu não sei, não tem nome, é uma sensação boa
De se sentir, de se viver

Este livro foi produzido pela
Editora Recanto das Letras
em outubro de 2021.

Rubens Mazzechi nasceu em 1993 na cidade de Caxias do Sul – RS. Seu interesse pela escrita surgiu na adolescência após ler *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger. Intrigado, quis transformar todos os seus pensamentos em palavras.

Rubens, além de escritor, considera-se um observador, é fascinado por sua geração, uma época de grandes avanços tecnológicos, e também pela cultura de décadas passadas. O autor já participou de alguns concursos literários e já teve algumas de suas poesias publicadas. *Torradas francesas e tomates “green” fritos* é o livro inicial de Rubens no mundo da literatura.